O MORALISTA:SOMBRAS DO PASSADO

EVAN DO CARMO

17 DE AGOSTO DE 2023
EVANGELISTA BEZERRA DO CARMO
BRASÍLIA DF

ISBN: 9798857940808

Prefácio

As Sombras do Passado - Uma Jornada com o Moralista

Nas trilhas sinuosas da existência humana, há figuras que emergem das páginas dos livros e ganham vida própria, atravessando as fronteiras do tempo e da imaginação. O Moralista, uma criação da mente curiosa e inquisitiva, tornou-se mais do que meras palavras no papel. Ele personificou as complexidades da condição humana, mergulhando nas profundezas da alma e desvendando as sombras do passado.

É nesse âmago de reflexão e contradição que nossa jornada com o Moralista começa. Em "O Moralista: Sombras do Passado", embarcamos em uma busca inebriante pela compreensão da vida, suas contradições e suas belezas ocultas. Conduzidos por um protagonista sem nome, mas carregado de camadas e complexidades, somos levados por uma

narrativa que transcende os limites das páginas e ressoa em nossas próprias jornadas interiores.

O Moralista emerge como uma voz singular, um eco da inquietação e da busca incessante por significado. Ele nos guia através das inúmeras esferas do conhecimento humano, da literatura à filosofia, da arte à psicologia, desvendando verdades desconfortáveis e iluminando verdades profundas que muitas vezes preferimos ignorar. Com sua mente afiada e olhar crítico, ele nos convida a questionar nossas crenças arraigadas, a explorar os recantos sombrios de nossas próprias almas e a confrontar as sombras que moldam nossos destinos.

Nesta jornada, encontramos um protagonista enredado em suas próprias contradições, um homem que se debate entre a busca pelo entendimento e a aceitação da complexidade da vida. Suas reflexões sobre a moralidade, o amor, a juventude e a velhice ecoam como cânticos sombrios que ressoam em nossos corações. Através dele, somos convidados a nos despir de nossas máscaras sociais e a olhar para nossas próprias verdades internas, por mais desconfortáveis que possam ser.

Mas a jornada do Moralista não é solitária. Ao longo do caminho, encontramos personagens que se entrelaçam em sua vida, trazendo à tona suas próprias lutas e questionamentos. Ana, Eva e outros, cada um com sua própria essência única, servem como espelhos que refletem as múltiplas facetas da experiência humana. Suas interações iluminam não apenas a busca do Moralista, mas também as nossas próprias explorações internas.

"O Moralista: Sombras do Passado" é mais do que uma narrativa; é uma jornada para dentro de nós mesmos. É um convite para enfrentar as verdades inconvenientes que muitas vezes preferimos evitar, para abraçar a ambiguidade da vida e para abraçar a nossa humanidade em todas as suas contradições. Através das páginas deste livro, somos desafiados a nos unir ao Moralista em sua busca pela compreensão, aceitando a escuridão e a luz que compõem nossa própria história.

Portanto, caro leitor, prepare-se para adentrar as profundezas da mente do Moralista, para explorar os recantos ocultos da existência humana e para se perder nas sombras do passado. Nesta jornada, você descobrirá não apenas o personagem que é o Moralista, mas também o reflexo de sua própria jornada, suas próprias sombras e luzes, e quem sabe,

encontrará um novo sentido para as complexidades de sua própria vida.

EU SORRI NUM VELÓRIO.

Eu sorri num velório. Uma confissão estranha, eu sei. Mas a vida é cheia de ironias que até mesmo a morte parece brincar conosco. O fato é que o morto, ao contrário do que todos pensam, não era meu amigo. Ele não era ninguém para mim. E ali estava eu, parado à beira do caixão, com um sorriso que parecia fora de lugar.

Enquanto as lágrimas dos outros enlutados caíam como uma chuva de desolação, eu me peguei observando os rostos ao redor. As expressões de tristeza, as palavras solenes sendo sussurradas, tudo parecia um teatro do absurdo. Eu não pertencia àquele drama de pesar encenado diante de mim.

O morto em questão era um homem respeitado, um pilar da comunidade. Suas boas ações e sua reputação inatacável eram narradas por todos os presentes. Enquanto isso, eu estava ali, conhecedor de uma verdade incômoda: o homem que jazia à minha frente não era tão virtuoso quanto pintavam.

A hipocrisia permeava o ar. As mesmas pessoas que agora se emocionavam com discursos de virtude

eram as que sabiam das transgressões não mencionadas. A vida dupla do falecido era um segredo abafado, mas que agora pairava sobre o recinto como uma névoa silenciosa.

E então eu sorri. Não porque me alegrasse com a morte, mas porque a tragédia da situação era tão irônica que meu coração só podia reagir com um sorriso amargo. Um sorriso que não podia ser entendido por aqueles que olhavam para mim com julgamento em seus olhos marejados.

Meu sorriso não era de desprezo, nem mesmo de superioridade. Era um sorriso pelo absurdo da existência humana, pela maneira como nos enganamos e enganamos os outros. Naquele momento, eu não estava enlutado pelo homem morto, mas pela falta de autenticidade que permeia nossas vidas.

E assim, enquanto os outros choravam, eu sorri. Um ato isolado de rebelião silenciosa, uma pequena revolta contra as expectativas da sociedade e as hipocrisias que ela abraça. E no meio daquela assembleia de lamentos, minha contradição tornou-se um protesto silencioso, uma nota dissonante na sinfonia da vida.

Este era apenas o começo de minha jornada como um moralista, alguém que via as fissuras nas fundações da moralidade convencional. Um sorriso num velório, um pequeno ato de resistência que pavimentou o caminho para as muitas contradições que estavam por vir

Máscaras da Sociedade

A cena do velório ecoou em minha mente nos dias que se seguiram, como uma melodia persistente. O sorriso fora apenas o prelúdio de uma sinfonia mais complexa de reflexões. No cerne das minhas inquietações estava a pergunta sobre por que nós, seres humanos, vestimos tantas máscaras.

As convenções sociais nos forçam a nos apresentarmos de certas maneiras, a esconder partes de nós mesmos por trás de sorrisos educados e gestos aceitáveis. Observando as pessoas ao meu redor, percebi que cada um de nós carrega um repertório de máscaras para se encaixar em diferentes cenários.

Eu não era imune a essa prática. Afinal, minha vida era permeada por contradições, e muitas vezes me peguei usando uma máscara de conformidade, ocultando minhas verdadeiras opiniões para evitar o desconforto dos outros. No entanto, minha experiência no velório havia inflamado minha determinação em compreender essa complexidade humana.

Através das máscaras, nós nos tornamos atores em um palco de convenções. Sorrimos quando queremos chorar, concordamos quando desejamos discordar. Cada máscara que usamos é uma pequena traição de nossa autenticidade, uma contribuição para o jogo de aparências que a sociedade exige.

Mas e se, assim como eu sorri no velório, fôssemos capazes de arrancar essas máscaras e encarar o mundo com sinceridade? Será que a liberdade de ser verdadeiramente nós mesmos viria acompanhada de solidão ou de uma conexão mais profunda com aqueles capazes de ver além das fachadas?

A busca pela autenticidade é uma jornada solitária e desafiadora, permeada por questionamentos constantes e escolhas difíceis. No entanto, a medida em que mergulhei nessa reflexão, encontrei-me

diante de um dilema intrincado: até que ponto vale a pena despir-se das máscaras e abraçar nossa verdadeira essência em um mundo que muitas vezes reverencia a conformidade?

A sociedade, como um todo, possui uma predileção pela uniformidade. Normas e padrões são estabelecidos, e os que se desviam desse curso muitas vezes são olhados com desconfiança ou até mesmo ostracizados. O desejo de pertencer, de ser aceito, muitas vezes se choca com a ânsia de expressar quem realmente somos.

Olhando para trás em minha própria jornada, recordo-me dos momentos em que escolhi permanecer fiel a meus princípios, independentemente das expectativas sociais. Lembro-me das vezes em que optei por falar o que realmente pensava, mesmo que minhas palavras desafiassem a narrativa predominante. Essas decisões, embora empoderadoras, frequentemente me isolavam.

A solidão torna-se uma companheira íntima daqueles que optam por trilhar o caminho da autenticidade. Ao romper com as convenções, ao despir-se das máscaras que escondem nossa

verdade, frequentemente nos afastamos daqueles que preferem as ilusões mais reconfortantes. Essa solidão, no entanto, é um tributo pago à honestidade consigo mesmo.

Além disso, devemos também considerar a própria natureza de nossas contradições. Somos seres multifacetados, e as diferentes máscaras que usamos muitas vezes refletem as complexidades de nossa própria existência. Ser autêntico nem sempre significa ser coerente, pois nossa essência pode abrigar paradoxos e conflitos internos.

No entanto, apesar das dificuldades e das incertezas, a autenticidade traz consigo um profundo senso de integridade. A paz que encontramos quando vivemos de acordo com nossos valores mais profundos é uma recompensa que transcende as expectativas sociais. A sensação de estar em harmonia consigo mesmo, mesmo que isso signifique estar em desacordo com o mundo ao redor, é uma conquista única.

Nesse mundo de máscaras e aparências, o preço da autenticidade é alto, mas o valor intrínseco é incalculável. A batalha entre a busca da verdade interior e a pressão para conformar-se é uma jornada

que requer coragem, paciência e resiliência. A cada passo, nos aproximamos de nossa própria essência, honrando a complexidade de ser humano e desvendando as camadas de ilusão que obscurecem nossa visão.

Minha jornada como moralista me ensinou que o preço da autenticidade é, acima de tudo, uma busca constante pela liberdade pessoal, uma liberdade que emerge quando nos libertamos das amarras invisíveis das expectativas externas e abraçamos a verdade inegável que reside em nosso âmago.